

*A poesia brota  
do Cerrado,  
lírica e telúrica,  
como as flores  
do ipê florescem  
na Primavera*

*Amo o quê há de  
ambíguo num  
porto de mar, que  
convida a partir e  
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF  
LETRAS**

**A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA**

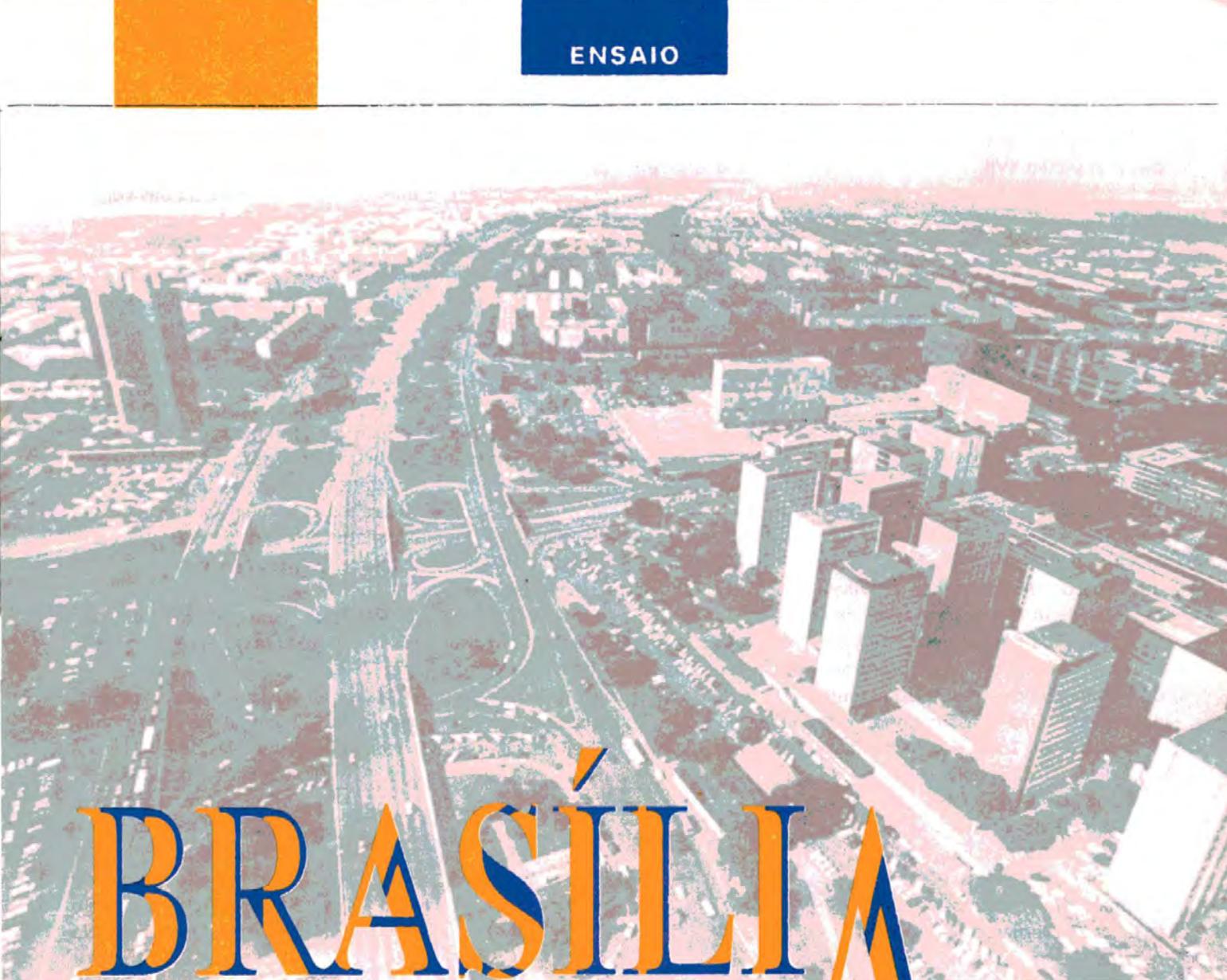
ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**IMPRESSO**

CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA



# BRASÍLIA

*Fantástica! Louca!  
Genial! Desnecessária.  
Brasília é assim.  
Não se consegue uma  
unanimidade quando  
tentamos defini-la.  
Para alguns ela é uma  
cidade mística. Todos os  
caminhos do fantástico  
levam a Brasília, diriam  
outros. O pecado mora ao  
lado. É a sede do Poder  
Central, do Congresso  
Nacional e da Justiça.  
Os saudosistas a acusam  
de não ter esquinas nem  
mar...*

## Um panorama das Letras

□ **Anderson Braga Horta**

A história da literatura de Brasília deve recuar a cerca de um século e meio de sua construção, para compreender também o que sobre ela – ou, menos especificamente, sobre a interiorização da capital brasileira – se escreveu desde então.

Brasília, sabe-se, não foi obra do acaso, nem do improviso. Nem sua construção foi realmente determinada, em meados da década de 50, por um gesto fortuito. Juscelino Kubitschek, grande estadista, por mais de um ângulo donde o vejamos, teve o mérito de desatar o nó que a prendia no papel; Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o de lhe traçarem o delineamento plástico e estrutural; Israel Pinheiro e Bernardo Sayão, o

de lhe darem concretude. Mas a idéia de Brasília já vinha sendo concebida desde o século XVIII.

### Os Antecedentes

Embora não lhe prevendo o nome, nem a localização no Planalto Central, já preconizavam a interiorização da capital do País os próceres da Conjução Mineira de 1789. Outros revolucionários, no Nordeste, de 1817 a 1824 (ano da Confederação do Equador), se manifestaram de modo semelhante. Em 1809, o redator do folheto *Nova Lisboa* também o recomendava. Sucederam-se, em todo o correr do século XIX, intelectuais que defendiam a idéia, desde o Conselheiro Veloso de Oliveira, autor de uma *Memória* apresentada ao Príncipe Regente em 1810, até o ilustre historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, que tratou do assunto em mais de uma ocasião, sendo que em escritos de 1857 já recomendava a localização afinal aprovada, na “bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas: Formosa, Feia e Mestre d’Armas”. Em 15 de agosto de 1825, Bernardo Pereira de Vasconcelos, no jornal *O Universal*, por ele fundado em Ouro Preto, recomenda a interiorização, em artigo editorial. Em 1852, Holanda Cavalcanti apresentava ao Senado projeto de construção da capital “entre os rios São Francisco, Maranhão ou Tocantins e as latitudes de 10 e 15 graus sul”.

Ernesto Silva refere, em sua *História de Brasília* (Centro Gráfico do Senado Federal, 1985, 2ª ed.), diversos outros nomes, dentre os quais sobrepõem o do jornalista Hipólito José da Costa e o do Patriarca da Independência, José Boni-

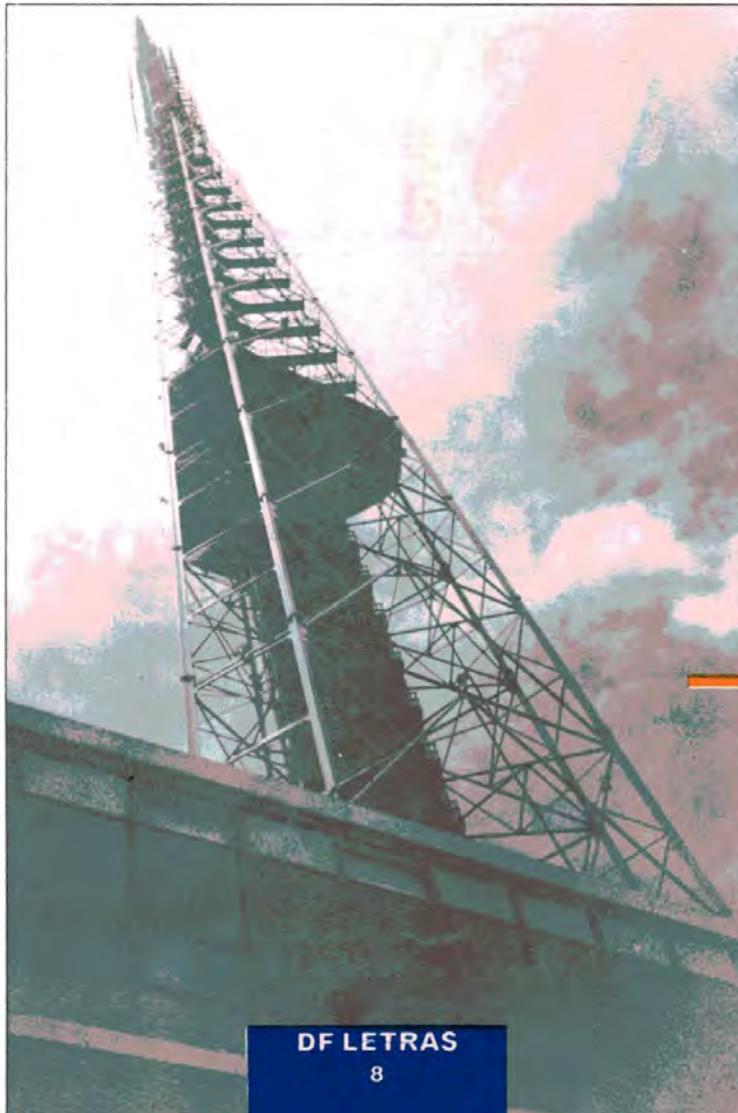
fácio de Andrada e Silva. Hipólito discorreu sobre o assunto em artigos publicados em seu *Correio Braziliense* a partir de 1813. Sugeriu, no primeiro desses trabalhos, localização aproximada à que viria a se concretizar, “nas cabeceiras do famoso rio São Francisco”, próximo às “vertentes de caudalosos rios que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sueste”.

Já o Patriarca “organizou e redigiu, em 20 de outubro de 1821, as *Instruções do Governo Provisório de São Paulo aos Deputados às Cortes de Lisboa* (que passaram à História com a denominação de *Lembranças e Aparentamentos*), apresentadas ao Príncipe Regente em 9 de novembro por Antônio Carlos Ribeiro de Andrade”. Nesse documento, diz parecer-lhe “muito útil que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 graus”. (Ernesto Silva, ob. cit., pág.

28.) Mais tarde, ofereceria à Assembléia Constituinte *Memória* defendendo “uma nova capital do Império no interior do Brasil, em uma das vertentes do rio São Francisco, que poderá chamar-se Petrópole ou *Brasília...*” (*Enciclopédia Delta Larousse*, Rio de Janeiro, 1970; verbete “Brasília”).

Refira-se ainda, como antecedente dos dispositivos que inseriram a matéria nas constituições republicanas de 1891, 1934 e 1946, o folheto (anônimo) de 1822 intitulado *Aditamento ao Projeto da Constituição para Fazê-la Aplicável ao Reino do Brasil*, com treze artigos, o primeiro dos quais assim redigido: “No centro do Brasil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguai e Amazonas, fundar-se-á a capital deste reino com denominação BRASÍLIA ou outra qualquer.” (*Id., ibid.*, pág. 29.)

Na República, por força do mandamento constitucional, diversas comissões foram incumbidas de estudar um local para a cidade. A primeira, constituída em 1892 por Floriano Peixoto, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, foi chefiada pelo geógrafo Luís Cruls. Na área indicada por Varnhagen, delimitou o que viria a ser conhecido como “Retângulo Cruls”. Suas conclusões foram insistentemente advogadas, desde 1930 até a década de 50, no Conselho Nacional de Geografia, pelo geógrafo Mário Augusto Teixeira de Freitas; e comissão chefiada pelo engenheiro Poli



... do alto da torre de TV, como em um pedestal, alguns “críticos” de ocasião dizem que ela também não tem produção cultural. É descerebrada, sem poetas e escritores...

Coelho reconheceu a excelência do local por ela preconizado. Outra comissão, presidida pelo general José Pessoa, delineou a área aprovada em 1955.

Não se pode deixar de lembrar, a propósito da antevisão de Brasília, o sonho de Dom Bosco (1893), relatado em suas *Memorie Biografiche*, no qual, se não se inscreve explicitamente a fundação de uma cidade, conforme o demonstra L. Fernando Tamanini em *Brasília: Memória da Construção* (1994, págs. 101 e segs.), decerto se profetizam maravilhas a acontecer no continente sul-americano (nomeados os países: a Nova Granada, ou Colômbia, a Venezuela, as três Guianas e o Brasil), mas de modo particular entre os paralelos 15 e 20.

### Os Pioneiros

Tão demorada e conspícua gestação da idéia de interiorizar a capital, indicados o lugar e o nome com mais de um século de antecipação, mostram que Brasília, ao nascer, já desde muito estava no cérebro da pátria; na sua consciência e, mais que isso, no seu subconsciente. Brasília é fruto genuíno e vigoroso da inteligência e da vontade nacional, longamente querido e longamente planejado, meticulosa e firmemente realizado. Natural que despertasse o interesse dos intelectuais, natural que mexesse com a imaginação dos poetas. Aos que versejaram sobre ela, principalmente no período da construção – sem questionamentos de valor literário – Ernesto Silva dedica um capítulo, o XLIII, de seu livro citado. Dentre as obras que em prosa se escreveram sobre o assunto relaciona *A Nova Capital*, de José Peixoto da Silveira, *Quando Mudam as Capitais*, de J. O. de Meira Penna, *Brasil, Capital Brasília*, de Osvaldo Orico, *Brasília*, de Moisés Gicovate, *A Nova Metrô-*



*pole do Brasil*, do marechal José Pessoa, *A Mudança da Capital*, de Adirson Vasconcelos, *Minha Experiência em Brasília*, de Oscar Niemeyer, *De Aknaton a JK*, de Iara Kern, *Meu Pai, Bernardo Sayão*, de Lea Sayão, *Brasília - Diálogo com o Futuro*, de Antonio Carlos Osorio, *Pioneiros e Candangos*, de Raimundo Brito, *Invenção da Cidade*, de Clemente Luz, *Notícia Histórica sobre a Imprensa de Brasília*, de E. d'Almeida Vitor, a par de muitos outros. Podemos acrescentar: *Bibliografias 3: Brasília*, do Centro de Documentação e Informação da

*...Deus deu aos poetas a liberdade da cumplicidade com as palavras. Os anjos vêm sussurrá-las em sonhos proféticos em noites dionisiacas...*

Câmara dos Deputados (1972), *Distrito Federal*, de Edson Nery da Fonseca (Bloch, Rio de Janeiro, 1ª ed., 1976), *Brasília e Sua Ideologia*, de G. I. Joffily (Thesaurus, 1987), *Três Faces de uma Cidade*, de José Aparecido de Oliveira (GDF, 1987), *Utopia Brasileira*, de Meira Penna (Itatiaia, Belo Horizonte, 1988), *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, de Paulo Bertran (Solo, 1994), e seria difícil parar, se quiséssemos ser exaustivos.

O número de verbetes apresentados por Napoleão Valadares no seu *Dicionário de Escritores de Brasília* (André Quicé, 1994) chega a 793; e Joanyr de Oliveira, em *Poesia de Brasília*, coletânea ainda inédita, só de poetas arrola mais de oitocentos.

Acerca dos pioneiros, diz Napoleão (ob. cit., "Ao Leitor"):

"Clemente Luz, que escreveu no período da construção de Brasília, foi o primeiro a publicar crônicas em jornais na Cidade Livre, mas essas crônicas só vieram a ser reunidas em livro

muito depois: *Invenção da Cidade* em 1968 e *Minívada* em 1972. Também no início, José Marques da Silva escreveu *Diário de um Candango*; mas só publicou esse livro em 1963, no Rio de Janeiro. Garcia de Paiva foi, conforme afirma Fábio Lucas, o primeiro ficcionista a fazer de Brasília cenário de ação romanesca, com a novela *Luana*, aqui escrita em 1960 e publicada em 1962, em São Paulo. De sorte que a primeira obra literária editada na Nova Capital foi a antologia *Poetas de Brasília*, 1962, Editora Dom Bosco, organizada por Joanyr de Oliveira.”

Joanyr, com Elza Caravana e Izidoro Soler Guelman, publicaria pela Horizonte, em 1967, os contos de *O Horizonte e as Setas* (particpei no livro com três trabalhos, um dos quais, “Mulher de Santo”, parcialmente ambientado em Brasília, escrevi-o no Rio, em meados de 1960, nas vésperas de conhecer a nova capital...). Elza publicaria em 1969 o didático *História da Literatura*, para o curso que mantinha com o marido, Guelman; e este, em 1971, lançaria, pela Ebrasa, o romance *A Fome dos Rebanhos*. Ézio Pires reuniria em 1978, no seu *Depoimento Literário*, matérias publicadas em jornal em meados da década anterior. Outros escritores aqui presentes na primeira hora serão nomeados no capítulo reservado à ANE – Associação Nacional de Escritores.

Romances passados em Brasília, ocorrem-me, além do de Guelman, *O Rosto Perdido*, de Almeida Fischer, cuja 1ª edição é de 1970 (Ebrasa), *O Ventre da Baleia*, de Esdras do Nascimento (Rio, Nórdica, 1980), *O Jogo da Gata-Parida* e *Rendez-Vous no Itamaraty*, ambos de Luiz Gutemberg (Nórdica, 1987 e 1989); e a novela *Tocata e Fuga*, de Luiz Adolfo Pinheiro (Thesaurus, 1991).

Não me parece justo deixar sem menção a volumosa literatura oficial, em que sempre se pode respigar alguma página de valor literário (até porque escritores do melhor nível lhe têm emprestado sua pena). Homenageio-a no emblemático texto do fundador, datado de 2 de outubro de 1956:

“Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé

inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.”

### Almeida Fischer

Governado, em mais de uma oportunidade, por escritores (Cristovam Buarque, José Aparecido), a escritores do porte de um Darcy Ribeiro, por exemplo, deve o Distrito Federal instituições como a sua Universidade. De todos os que aportaram a Brasília nos seus verdes anos, alguns, pela magnitude da sua atuação, mereceriam registro à parte. À míngua de espaço, fazemo-los representar na pessoa desse grande congregador que, a vida inteira, se exergou e se portou, essencialmente, como um homem de letras: Almeida Fischer.

Paulista de Piracicaba, quando aqui chegou, em 1960, vindo do Rio de Janeiro, Fischer era já bastante conhecido: fora secretário do prestigioso *Letras e Arte* e tinha publicados *Horizontes Noturnos*, *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos*; acresceria a sua obra contística de *Nova Luz ao Longe*, *10 Contos Escolhidos* e *Memorial de Inverno*, abrindo novos caminhos com o romance *O Rosto Perdido*, os seis volumes de crítica literária de *O Áspero Ofício*, a novela *De Repente a Primavera* e diversos inéditos. Além de escritor, professor, jornalista, Fischer criou ou dirigiu diversos suplementos literários e foi

extraordinário semeador de cultura. Deve-se-lhe a organização da antologia *Contistas de Brasília*, a primeira do gênero entre nós. Em torno de sua pessoa cristalizaram-se a Associação Nacional de Escritores (ANE), a Academia Brasiliense de Letras e a Academia de Letras do Brasil, tendo tido, ain-



...da terra seca, na estiagem de agosto, os ipês derramam as suas flores brancas, amarelas e roxas sobre a aridez do cerrado sedento de chuva...

da, papel de relevo na criação da Associação Profissional dos Escritores do Distrito Federal, passo exigido para a constituição do sindicato, em que afinal se transformou.

### A ANE – Outras Entidades

Decana das instituições de cultura de Brasília, a Associação Nacional de Escritores tem já uma história. Nasceu no dia 21 de abril de 1963, na Livraria Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho. Figuravam entre os fundadores nomes de expressão nacional como Cyro dos Anjos, Mauritônio Meira, Sousa Neto, Pompeu de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Hécio Martins, A. Fonseca Pimentel, Nelson Omega, Aderbal Jurema, Corsíndio Monteiro da Silva, Victor Nunes Leal, Afonso Felix de Sousa, Carlos Castello Branco, Christiano Martins, Cândido Motta Filho, Gerardo Mello Mourão e dois escritores paulistas que visitavam Brasília, Helena Silveira e Paulo Duarte; outros cresceriam com a cidade: José Augusto Guerra, Santiago Naud, Mário Teles, Rui Mourão, José Hélder de Souza, Aluizio Valle, Pedro Luiz Masi, Jair Gramacho, Lina del Peloso, Joanyr de Oliveira, Ézio Pires, João Emílio Falcão, Edson Nery da Fonseca, Romeu Jobim, Astrid Cabral. Dentre os escritores que se filiaram posteriormente, lembramos Eugênio Gomes, Samuel Rawet, Zila Mamede, João Alexandre Barbosa, Yone Rodrigues, Hermes Lima, Cora Coralina, Plínio Salgado, Cassiano Nunes, Adriano da Gama Kury, Sylvio Elia, Pereira Lira, Roberto Lyra Filho, José Godoy Garcia, Ernani Sátyro, Luiz Beltrão, Adalício Nogueira, Oscar Mendes, Dinah Silveira de Queiroz, Aliomar Baleeiro, Alberto da Costa e Silva, Nataniel Dantas, José Louzeiro, Yolanda Jordão, Fritz Teixeira de Salles, Antônio Girão Barroso, Waldemar Lopes, H. Dobal, Jesus Barros Boquady, Branca Bakaj, João Ferreira, José Geraldo, Herberto Sales, Heitor Martins, Bernardo Élis, Antonio Roberval Miketen, Luiz Berto, Antônio Campos, Viriato Gaspar, Alaor Barbosa, José Aparecido de Oliveira, Márcio Cotrim, Cleonice Rainho, Adão Ventura Artur da Távola, Patrícia Bins. O



*...que cai e traz consigo o frio, diante da nossa frieza e indiferença pelo corpo ainda criança jogado sobre o cimento da Rodoviária. Viro o rosto...*

número de associados ascende, hoje, a 236. Dos escritores mais conhecidos, muito poucos, arredios, restam fora de seus quadros.

As atividades da Associação têm compreendido, sobretudo: realização de concursos, seminários e conferências; representações, leituras de poesia e prosa; organização de encontros de escritores e de edições; intervenções diversas em questões de interesse social e cultural; colaboração com outras entidades literárias. Goza, hoje, de situação ímpar entre essas, não só por sua relativa ancianidade, mas também pela excepcionalidade de uma condigna sede própria.

Merece um parêntese a história da luta pela sede, quase tão longa quanto a da própria ANE. Na gestão do Prefeito Plínio Cantanhede, obteve esta, em doação, um terreno privilegiadamente situado junto ao Instituto de Cultura Hispânica, defronte à Escola Normal e ao Colégio Elefante Branco. Sua não-edificação, por absoluta falta de recursos da entidade, levou a Terracap a tentar retomá-lo. Em juízo, os sócios e advogados Antonio Carlos

Osorio e Henriques do Cerro Azul asseguraram a propriedade definitiva; em 1996, mercê dos esforços das diretorias presididas por Alan Viggiano, Napoleão Valadares e Danilo Gomes, é concluído o Edifício Escritor Almeida Fischer (SEPS 707/907, Lote F, CEP 70390-078), a partir do qual se espera para a Associação o advento de sua idade de ouro, superados os problemas de mera subsistência material que afligem a quase generalidade das associações culturais.

De seu seio surgiram as Academias Brasiliense e do Brasil, o Sindicato dos Escritores e o Clube de Poesia, depois Clube de Poesia e Crítica, instituído por iniciativa de Waldemar Lopes e Domingos Carvalho da Silva.

Não são essas, porém, as únicas agremiações literárias de Brasília, que tem sido terra fértil para a semente acadêmica. Temos, além das mencionadas, a Academia de Letras de Brasília, a Academia Taguatinguense de Letras, a Academia de Letras do Distrito Federal e ainda mais, além de outras instituições literárias de variada especificidade.



... e vejo belo e majestoso o Teatro Nacional. Tal qual uma pirâmide egípcia, explode em manifestações de genialidades por dentro e por fora. Um palco para a cidade...

Fora do âmbito de qualquer agremiação têm trabalhado escritores de tendências as mais díspares, podendo-se mencionar os auto-intitulados marginais e os da chamada Geração Mimeógrafo.

Creio caber menção a dois movimentos culturais de massa. O primeiro, surgido em 1973 – ainda no período ditatorial –, foi a FAC (Festa de Arte e Cultura), movimento “ecumênico, seguindo as linhas de uma democracia utópica”, segundo o poeta Fernando Mendes Vianna, seu deflagrador. Embora não tendo prosperado, credita-se-lhe o mérito de reunir centenas de intelectuais e artistas em torno de um ambicioso projeto cultural, com tantas coordenadorias quantos os setores implicados – poesia, teatro, música, dança, artes plásticas, cinema. O projeto parece ter sido retomado pelo CUCA (Movimento Candango de Dinamização Cultural), idéia de um grupo de alunos da UnB, que envolveu a comunidade numa espécie de mutirão cultural de ampla abertura. Sobre a FAC, veja-se entrevista de Fernando Mendes Vianna a Danilo Gomes, no primeiro volume de seu *Escritores Brasileiros ao Vivo* (Co-

municação/INL, Belo Horizonte/Brasília, 1979); acerca de um e outro movimento, *A Educação pela Arte*, de Maria de Souza Duarte (Thesaurus, 1983, págs. 130 e 137).

### As Antologias

Listar os livros importantes de autores radicados em Brasília, editados aqui ou alhures, transformaria este artigo num vasto boletim bibliográfico. Em vez disso, creio preferível dar o pulso da literatura brasiliense, por intermédio das antologias que aqui se têm produzido. As duas primeiras foram as de Joanyr de Oliveira (poesia) e de Almeida Fischer (conto), respectivamente de 1962 e 1965, já citadas. Joanyr ampliaria o seu trabalho na *Antologia dos Poetas de Brasília*, edição da Coordenada, de 1971, e ainda nos daria *Brasília na Poesia Brasileira* (INL/Cátedra, Brasília/Rio, 1982).

Outras antologias poéticas viriam: *Em Canto Cerrado*, de Salomão Sousa (Coordenada, 1977); *Águas Emendadas* (Thesaurus, 1977); *20 Porretas* (s/e, s/d); *Mutirão* (Brasília, 1985). Depois, uma de longo título: *Nem Madeira nem Ferro Podem Fazer Cativo Quem na Aventura Vive*, de Santiago Naud (Thesaurus, 1986). E mais: *Planalto em Poesia*, de Napoleão Valadares (Thesaurus, 1987); *Diamante para Amantes* (Thesaurus, 1988); *Capital Poems* (Thesaurus, 1989); *Grito, Logo*

*Existo* (Revista Literatura, 1992); *Caminhos de Integração*, organizada por Sofia Vivo (Thesaurus, 1993); *Caliandra: Poesia em Brasília* (André Quicé, 1995). Não exclusivamente brasiliense é *Alma Gentil: Novos Sonetos de Amor*, organizada por Nilto Maciel (Códice, 1994). Editada em São Paulo (Abril, 1982), tem também interesse para este panorama *Poesia Jovem – Anos 70*, de Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira.

Em prosa: *Conto Candango*, de Salomão Sousa (Coordenada, 1980); *Horas Vagas*, 2 vols., de Manoel Vilela de Magalhães, João Emílio Falcão e Joanyr de Oliveira (Comitê de Imprensa do Senado Federal, 1981); *Contos Correntes*, de Napoleão Valadares (Thesaurus, 1988); *Cronistas de Brasília*, de Aglaia Souza (André Quicé, 1995).

Há, é certo, outras coletâneas, em prosa e em verso, como as promovidas pelo Sindicato dos Escritores e pelo dos Professores; mas, não podendo enumerá-las à exaustão, encerro a lista com as mais recentes, *Brasília: Vida em Poesia* (Valci Gráfica e Editora, 1996) e *Mais Uns: Coletivo de Poetas* (1997), preparadas por Ronaldo Alves Mousinho e Menezes y Moraes, respectivamente. Trabalhos de maior fôlego e melhor representatividade são *Poesia de Brasília*, de Joanyr de Oliveira, e *A Literatura Brasiliense*, de Wilson Pereira, à espera de impressão.

### Imprensa Literária – Revistas

Minguado hoje – a bem dizer, nulo –, foi relevante o papel da imprensa para o desenvolvimento literário da cidade. Além de uma atenção maior dada ao noticiário de fatos culturais, reservavam páginas às letras, entre outros, os seguintes jornais: *Crítica e Diário do Brasil*, pelas mãos de Sousa Neto e Almeida Fischer; *Correio Brasileiro* (manteve um grande suplemento literário, a cargo de Hugo Auler e José Hélder de Souza); *Diário de Brasília*, cujo suplemento *Enfoque*, de Almeida Fischer, durou de 1972 a 1976; *Jornal de Brasília*; *BSB Brasil*, de-



pois *BsB Diário*, cujo suplemento *Letras*, também criado por Fischer, passou a ser dirigido, após o seu falecimento, pelo poeta João Carlos Taveira. Coisas do passado. Algumas publicações oficiais dedicadas à cultura têm surgido, infelizmente de vida curta ou sem periodicidade definida. Incrementam-se, praticamente sós, os boletins da ANE e do Sindicato dos Escritores no Distrito Federal.

Dentre as revistas, recordamos o suplemento de *Destaque*, a cargo de Walter Belo Galvão; *Mbaecuaba*, de D'Almeida Vitor; *Bric-à-Brac*, de Luís Turiba; *Lavras*, de Murilo Moreira Veras; *Cultura*, do MEC, e *Brasília*, do GDF. Circula desde 1976, em âmbito nacional, a *Revista de Poesia e Crítica*, de Domingos Carvalho da Silva; sobrevivem as da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras de Brasília e de algumas outras agremiações; o *DF Letras*, da Câmara Legislativa, e *Literatura*, editada por Nilto Maciel, Emanuel Medeiros Vieira e João Carlos Taveira. Está no prelo a da Academia de Letras do Brasil, número inaugural. *Cerrados*, do Curso de Pós-Graduação em Literatura, com a colaboração simultânea ou sucessiva de Carlos Alberto Abel, Flávio Kothe, Henryk Siewierski e Ronaldo de Melo e Souza, realiza um pouco da desejada integração da UnB com a cidade. A mais recente é *A Cultura das Cidades*, fundada por Alan Viggiano e ora no terceiro número.

*...que protesta, com funks, punks, bitúniks e desempregados, passageiros de um mesmo milênio, de uma mesma canção. Da próxima vez que você vier a Brasília nós vamos lhe dar uma flor do cerrado.. ( Sorry, Caetano)*

### O Sentido de Brasília

Da farta literatura preconizadora da interiorização da Capital extraem-se argumentos de variada natureza em prol da medida. Caíram em obsolescência os de cunho estritamente estratégico-militar. Permanecem válidos, todavia, os demais argumentos, como os invocados por José Bonifácio, para quem uma capital no centro do País favoreceria a unidade nacional, o desenvolvimento do interior e a absorção de mão-de-obra desempregada (*apud* Adirson Vasconcelos, *A Mudança da Capital*, Brasília, 1978, págs. 33 e 34).

Menos objetivos, decerto, mas não menos nobres do que os visionários que a quiseram, profetizaram ou apregoaram, são os poetas que têm saudado a criação de Brasília. Talvez André Malraux tenha sintetizado o sentido que lhe atribuem os poetas ao cunhar para ela esta expressão: Capital da Esperança.

Cassiano Ricardo canta uma "Toada pra se Ir a Brasília" em livro publicado no ano da inauguração (*Montanha Russa*, Cultrix, São Paulo, 1960):

"Vou-me embora pra Brasília,  
sol nascido em chão agreste.  
Como quem vai para uma ilha.  
A esperança mora a oeste.

Vou-me embora pra Brasília  
por determinação celeste.

....."

Guilherme de Almeida, na "Prece Natalícia a Brasília", escrita para a inauguração, chama-a "Caminho que vem do Passado e vai para o Futuro", "o Centro da Cruz Tempo-Espaço", tomando a cruz de seu traçado como um símbolo místico ("porque és Cruz, és Fé") e como um símbolo de seu papel de integração.

Vinicius de Moraes, no poema para a *Sinfonia da Alvorada* (música de Tom Jobim), toca uma nota humanística, vislumbrando, na moderna conquista e povoamento do Planalto Central, não a cobiça do ouro e do diamante que moveram as antigas bandeiras, mas o propósito "do trabalho em paz".

Resumamos. Brasília tem o múltiplo sentido de marcha para o Oeste – melhor dizendo: para os quatro ventos da rosa, ou da cruz de Guilherme de Almeida –, de conquista do nosso próprio território, de integração nacional e de integração latino-americana. Acima de tudo – e isto globaliza as metas – contempla por alvo final a criação de uma sociedade justa e fraterna. Cabe-nos ousar e obstinar-mo-nos na luta por que se concretize aqui "a terra prometida, onde correrá leite e mel".